

Homenagem a Manoel Berlinck

Silvia Leonor Alonso

O que dizer perante a morte de um colega amigo? Perante o “doloroso mistério da morte” - expressão de Freud -, não há palavras a dizer dela, ao mesmo tempo que é fundamental que a linguagem se faça presente, já que sem esta não existe possibilidade de luto. Mas se não há o que dizer do “mistério doloroso da morte”, há o que falar dos vividos juntos, das lembranças, dos compartilhados, como forma de se despedir.

Manoel deixou saudades. Poderia dizer que sua morte me pegou de surpresa? Seria quase não dizer nada, a morte sempre nos surpreende, independentemente da data, do momento ou das condições em que ela chega, nos surpreende porque é o *radicalmente incontrolável*. Poderia dizer que me vi perante a sua pensando naquilo que faltou acontecer? Também é dizer pouco porque isto quase sempre nos acontece. A falta que sentiremos de alguém daí para sempre a antecipamos no que ficou pendente, no que não aconteceu, no que deveríamos ter feito e assim por diante; no imediato após a morte esta é uma forma de lidar com ela, recortamos a falta naquela conversa última que marcamos e desmarcamos, e que ficou pendente porque surpreendidos pela morte não deu mas tempo; e assim me aconteceu. Recortamos a ausência para não enfrentá-la toda de uma vez só. Mas posso lhes dizer que se esta última conversa faltou, muitas outras foram possíveis ao longo dos quase quarenta anos que passaram desde que nos conhecemos.

Conheci o Manoel em torno de 1980, quando me procurou no consultório para me pedir que o acompanhasse na reflexão sobre sua clínica, e lhe acompanhei durante muito tempo; na reflexão sobre sua clínica e na construção do seu pensamento clínico, desde o seu trabalho no consultório até suas incursões de trabalho na rua e na favela. O acompanhei no aprendizado do ofício que ele soube tão bem realizar. Manoel juntava nele um pensamento lúcido e rigoroso, com um infantil de curiosidade muito intenso, uma atenção grande para o sofrimento e uma pitada de humor e ironia, combinação esta que lhe permitia exercitar uma clínica rigorosa e criativa. E foi a partir destas conversas que se estenderam por anos que foi se tecendo uma relação de afeto, amizade e mútuo reconhecimento que durou quase quarenta anos. Dessas conversas foram se desdobrando outras, de parcerias de trabalho e de trocas pessoais que foram sempre muito proveitosas. Muitas delas a partir dos novos projetos que ele ia inventando - e que não foram poucos -, pois Manoel sempre soube criar dispositivos que colocassem os analistas para debaterem suas ideias. Foi assim em 1983, quando organizou junto com Luís Roberto Monzani, a partir do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Centro de Lógica e Epistemologia da UNICAMP, um colóquio de psicanálise sobre o desejo. Convidou-me para participar junto a Celio Garcia, Renato Mezan e outros. Foi um momento muito fértil, até hoje me lembro da riqueza dos debates sustentados nesse encontro. Eram épocas em que era pequena a presença da psicanálise na universidade e escassas as publicações de psicanalistas do meio, porém grande a avidez pelas trocas.

Ao mesmo tempo em que avançava no campo da psicanálise, Manoel se empenhava em levá-la à universidade - tarefa que não abandonaria nunca. Desse Colóquio fez uma publicação “O desejo na psicanálise” (Papyrus, 1985) e nela o seu texto “O desejo e a lei” mostra o momento em que se encontrava, já que a passagem da sociologia à psicanálise estava em processo. Ele

localiza o texto na confluência entre a sociologia e a psicanálise, pois o texto trata de “possíveis relações entre uma noção de sujeito enquanto desejante e as noções de democracia e de totalitarismo como estruturas”; ou seja, ao mesmo tempo em que vai entrando na clínica, vai fazendo entrar a psicanálise nas suas pesquisas que até pouco tempo realizava a partir da sociologia. Neste texto, se pergunta qual o sujeito que sustenta a dinâmica contraditória democracia-totalitarismo. Mais especificamente, Manoel tentará examinar como a teoria psicanalítica trata o lado democrático do sujeito, isto é, em que condições o ser humano ascende à “desincorporação pela perda da eficácia prática e simbólica da ideia, da imagem e do nome da unidade, e como institui a alteridade em toda a espessura do social, instituindo a ideia dos direitos e diferenciando, pela primeira vez, Poder, Lei e Saber” (p. 110). Os conceitos de inconsciente, de sujeito e de desejo entraram no seu pensamento, e uma vez que entraram os defendeu ferrenhamente.

Se houve algo que Manoel também defendeu com força foi o “pluralismo”, tanto nos seus projetos editoriais quanto na formação e na clínica. Assim, ao apresentar a Coleção Psicanálise da Editora Papyrus, que coordenou junto com Cristina Magalhães, escreve: “[...] a psicanálise é uma ciência viva e ágil que pode ser útil para diminuir o sofrimento tendo em vista um ser humano melhor”, “estou convencido de que para além das instituições, escolas, correntes, grupos psicanalíticos das mais variadas procedências que se constituem num campo de saber que lembra uma verdadeira torre de babel há bons e maus psicanalistas. Assim esta coleção não se pretende vincular a qualquer tendência dentro da psicanálise. O seu compromisso é com a divulgação de um pensamento e de formas de pensar o ser humano que transcendem as segmentações internas da psicanálise e estimulam a busca da verdade no âmbito deste saber”. (p. 2).

Defensor do pluralismo e da conversa entre os diferentes, me lembro de um episódio em 1988. Em um dos colóquios que aconteciam na Livraria Pulsional, um dos colegas foi extremamente violento quando da discussão do trabalho de outro colega. Manoel não teve dúvida, fez uma carta pública dizendo que esse era um espaço para conversar e trocar entre os diferentes e que o convívio com as diferenças exige um exercício da tolerância, e que quem não estivesse disposto a esse convívio ou não tivesse tolerância suficiente era melhor que não frequentasse esse espaço.

Manoel criou uma figura metafórica: “o psicanalista argentino”. Em 1987 escreveu um texto intitulado “O que é ser um psicanalista argentino?”, referindo-se, segundo ele, a algo que faz parte da dinâmica do campo psicanalítico no Brasil e que possibilitou uma rara formação social na psicanálise: o psicanalista que se constitui e se autoriza fora da instituição oficial, algo que Manoel juntava ao que denominava de “escuta contemporânea”, entendendo-a como uma escuta pluralista sensível ao sofrimento. Escuta pluralista que seria oposta a uma “escuta pura”, que as instituições de transmissão tentariam sustentar, ainda que ao custo de recalcações ou denegações. Seria, portanto, um analista que só se garante pelo tripé: análise pessoal, supervisão e leitura, e foi assim que ele se sustentou como analista já que nunca fez formação numa instituição nem teve pertinência a nenhuma instituição de analistas.

Diz antes que, uma vez que a estranheiridade do inconsciente, o sujeito, o desejo e a subjetividade se incluíram no seu pensamento não abriria mão deles facilmente, e era duro

quando temia que tudo isto ficasse em risco caso se convertesse a psicanálise numa doutrina explicativa e racionalista. Em 1996, Manoel publicou um texto chamado “A mania de saber”, a partir da publicação do livro de Louis Althusser “O futuro dura muito tempo”, livro que, para Manoel, além de representar a tragédia pessoal do autor figura a tragédia do século XX como o século da razão e portanto da des-razão. Neste artigo, Manoel faz uma severa crítica à tradição iluminista e às tentativas de fazer da psicanálise uma argumentação explicativa, retirando sua potência que se origina justamente em ter concebido o inconsciente e uma subjetividade que resistem à razão, e que deveriam nos levar a um interminável processo de simbolização ou de construção criadora que nos representaria no interior do mundo da cultura.

Em 2012, Manoel disse que queria me fazer um convite, queria que fosse a entrevistada no Congresso de Psicopatologia Fundamental que aconteceria em Fortaleza. Ele disse que a entrevista seria sobre a “formação de um clínico” e eu aceitei, foi uma longa conversa na qual foi perguntando sobre minha vida e meu processo de formação para num segundo momento me interrogar sobre o que eu pensava da formação de um clínico. Pacientemente, delicado e amoroso, Manoel foi me interrogando sobre cada momento da minha vida e minha formação, permitindo que a rede de uma história fosse tecida. Senti da sua parte um profundo reconhecimento e fiquei muito grata.

Em 2013, depois de sua longa permanência no hospital nos encontramos para conversar, foi um relato longo sobre tudo o que tinha vivido, o desamparo, a fragilidade, o funcionamento dos médicos... Apesar de mostrar o sofrimento, fazia um relato detalhado de quem observara, acompanhara e avaliara tudo o que aconteceu, sem deixar-se engolir pela posição de corpo objetivado pelas práticas médicas. Embora com a fragilidade de seu corpo, teve força para continuar com os projetos por mais três anos, anos nos quais a presença de Anna Cecília certamente foi fundamental.

No final de 2015, participei como convidada da mesa de arguição do Tomás, orientando do Manoel. Foi a última vez em que nos encontramos, iniciamos uma conversa com a promessa mútua de continuar em breve. Na correspondência por e-mail marcamos e desmarcamos várias vezes, por imprevistos de um e de outro. Essa conversa ficou faltando, a sua morte nos surpreendeu antes.

Fica para mim o reconhecimento do importante aporte que Manoel realizou no campo da psicanálise, seja pelo trabalho editorial - a Escuta e a Pulsional muito contribuíram para a divulgação da Psicanálise pelas traduções de autores estrangeiros, mas também como motor de escrita dos analistas brasileiros -, como pesquisador, sustentando a enorme rede de pesquisa da Psicopatologia Fundamental, como clínico dedicado e cuidadoso, como docente que colaborou para o desenvolvimento de tantos orientandos...

Mas fica fundamentalmente a lembrança de uma amizade longa, de muito afeto, reconhecimento e trocas prazerosas.

Referências bibliográficas

BERLINCK, M. O desejo e a lei. In BERLINCK, M. (org.). *O desejo na psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1985.

BERLINCK, M. *Psicanálise da clínica cotidiana*. São Paulo: Escuta, 1988.

BERLINCK, M. A mania de saber. In PERES, U. (org.). *Melancolia*. São Paulo: Escuta, 1996.